



José Godoy

é escritor, autor de *As Dicas do Sr. Alceu*, e um dos âncoras do programa *Fim de Expediente*, da Rádio CBN

Instantes decisivos e sem retoques

Henri Cartier-Bresson faria 100 anos neste 2008. Mas, muito além da efeméride, a pergunta que paira é quanto sua estética – seu modo de mirar e registrar – ainda resistirá em nosso mundo acelerado pelo registro digital, que descarta o erro e o redefine em camadas de retoques à base de Photoshop. Se a resposta se assemelha a mais um dos cada vez mais cotidianos exercícios de futurologia, para os saudosos admiradores do fotógrafo francês, o ano caminha para seu encerramento repleto de homenagens, diretas e indiretas, ao legado desse estupendo artista da imagem.

Em Paris, em novembro, como ocorre desde 1980, será o “mês da fotografia”, com eventos por toda a cidade, dos colóquios sobre “a arte que capta o instante” no Petit Palais à mostra *Photographies L'Amérique* na Fundação Henri Cartier-Bresson, reaberta em setembro passado. São registros feitos nos Estados Unidos, no período de 1929 a 1947, por Bresson e pelo americano Walker Evans. O olhar atento dos dois fotógrafos, que percorreram o país nas décadas de sua transformação de promessa em potência, segue ora por entre os grandes aglomerados urbanos como Nova York, Chicago e Los Angeles, ora pelas nervuras do sul convulsivo, do Mississippi ao Alabama. São imagens que captam a nação abatida pelo crash em 1929, a apreensão dos lentos anos em que o país vai sendo reconstruído sob a batuta de Franklin Delano Roosevelt e o *New Deal*, culminando na euforia do pós-guerra, quando passa a expor a robusta musculatura com que iria dominar a política internacional nas décadas seguintes.

Os Estados Unidos são o país que primeiro irá perceber o trabalho de Bresson, o primeiro a acolher uma exposição do fotógrafo francês – em 1932, em Nova York. Espécie de contraponto na balança cultural dos dois países, se nos anos 1940 e 1950 os franceses receberiam, com ouvidos mais do que atentos, o bebop de Dizzie Gillespie e Charlie Parker, que, com agendas minguadas nos escassos palcos da América, fizeram de Paris uma nova casa, o interesse do francês pela civilização americana parecia se inscrever na lenta flexibilização da velha e acomodada visão eurocêntrica do mundo, iniciada provavelmente com a viagem de Tocqueville à América ainda em pleno século XIX.

A estada americana, seguida do ano em que o fotógrafo iria permanecer no México de Diego Rivera e Frida Kahlo, parece ter servido como base do amadurecimento do artista. A lapidação de um olhar mais do que atento e pronto a revelar as turbulências sociais de um mundo em combustão. São esses parâmetros que irão levar Bresson, junto com os fotógrafos Robert Capa, David Seymour e George Rodger, a criar, em 1947, a Magnum, agência que iria revolucionar o fotojornalismo no século XX. Cooperativa de fotógrafos, seus colaboradores empreendiam viagens revelando em seus filmes o que de mais impactante o século trazia, orientados por um desejo de estar *in loco*, exatamente onde se escrevia a História. Do conflito na Coreia à revolução maoísta, do comunismo de Fidel e Che às intensas transformações da turbulenta hoje extinta

No centenário do nascimento de Henri Cartier-Bresson, quanto de sua estética ainda resistirá em nosso mundo acelerado pelo registro digital, que descarta o erro e o redefine em camadas de retoques à base de Photoshop?

República Socialista Soviética, com seus filmes que se espalhavam rapidamente pelas principais publicações da época, essa geração elevou a fotografia e, em especial, o fotojornalismo a outro patamar, o de objeto de arte.

É na Magnum, já na década de 1970, que os tentáculos da influência de Cartier-Bresson irão alcançar o Brasil. É quando o talento de Alécio de Andrade passa a fazer parte do *casting* da agência. O fotógrafo carioca irá encontrar em Paris as condições de desenvolver o trabalho que parecia não ser mais possível no país monocromático do verde-oliva das fardas militares. Discípulo de Bresson, adepto do registro em preto-e-branco, sem direito a retoques, Alécio desenvolve na capital francesa o apuro já notável no Brasil para o retrato, que fica ainda mais evidente na mostra que o Instituto Moreira Salles apresenta no Rio de Janeiro até 23 de novembro.

Ao lado de grandes figuras de nossa vida cultural, como Otto Lara Resende, Vinicius de Moraes ou, ainda, Caetano Veloso e Gilberto Gil em plena ebulição tropicalista, Alécio irá somar seus registros parisienses. É onde surgem as preciosas imagens captadas pelo fotógrafo no panteão da intelectualidade que permeou intensamente o globo, no que de certo modo serve como epitáfio do longo período em que Paris atraiu os maiores artistas e pensadores do século. Estão expostos, nos precisos enquadramentos do fotógrafo, Sartre, Susan Sontag, Michel Foucault, Louis Aragon, entre tantos outros.

A cuidadosa mostra ainda traz outras facetas importantes

do trabalho de Alécio: o registro de crianças, em que obtém, com raro talento, instantes da luminosa espontaneidade da infância, e sua série sobre Paris, em que, com a gratidão que só os grandes amantes são capazes de entregar ao objeto amado, revela detalhes recheados de pequenos grandes achados sobre a cidade e seus habitantes, e que culminam com seus deliciosos registros do Louvre, espaço em que por três décadas o fotógrafo desenvolveu uma série em que quadros e público parecem dialogar de modo surpreendente. É dessa série a famosa foto das três freiras que contemplam *As Três Graças*, com mais de 40 mil reproduções vendidas ao longo dos anos.

São cem anos de Bresson e seguimos ávidos pelo terceiro século em que se faz uso da fotografia. O mundo, que a cada dia se constrói em velocidade e abundância, faz do frame, de décimos de segundo na retina não mais que uma peça ínfima no mosaico que se monta e se desmonta diante de nossos olhos, cada vez mais habituados, e por que não, cansados, de tanta informação, de tanta novidade. Aos saudosos de um olhar mais nítido, de um registro mais límpido, este 2008 mais se assemelha a uma dádiva, um anteparo a tudo o que nos cerca, oportunidade luminosa de se integrar a esses instantes decisivos, que quando captados pela genuína sensibilidade desse homem e de seus discípulos faz do tempo uma unidade fátua, e do momento que escorre pela retina uma cápsula atemporal. Os olhos sedentos de encantamento estético agradecem: *Merci beaucoup*, Henri! Obrigado, Alécio!